

## **AO SOM DOS CLIQUES DAS CÂMERAS:** Fotografias das “Mulheres dos escombros” no ensino de História

Aline Vieira Fernandes<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

O presente trabalho trata sobre a importância da inserção das mulheres no ensino de história. Busca evidenciar o papel das “mulheres dos escombros” depois da Segunda Guerra Mundial, tendo a fotografia como fonte e a análise imagética enquanto proposta de linguagem historiográfica para a construção do conhecimento através das imagens, dentro dos conteúdos comumente mais trabalhados na conjuntura escolar. Alguns dos aportes teóricos são: Jörn Rüsen (2007), com os conceitos de consciência histórica e cultura histórica em relação ao ensino de História; François Hartog (2013), a respeito da relação entre passado, presente e futuro para a construção do conhecimento histórico; e Ana Maria Mauad (2008) e Johanna Smit (1996), com suas contribuições teóricas e metodológicas acerca das imagens enquanto documentos históricos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de História; Segunda Guerra Mundial; Fotografias.

### **TO THE SOUND OF CAMERA CLICKS: The “Women From The Rubble” In History Teaching**

### **ABSTRACT:**

This work deals with the importance of including women in history teaching. It seeks to highlight the role of the “women of the rubble” after the Second World War, using photography as a source and image analysis as a proposal for a historiographical language for the construction of knowledge through images, within the contents most commonly worked on in school settings. Some of the theoretical contributions are: Jörn Rüsen (2007), with the concepts of historical consciousness and historical culture in relation to the teaching of History; François Hartog (2013), regarding the relationship between past, present and future for the construction of historical knowledge; and Ana Maria Mauad (2008) and Johanna Smit (1996), with their theoretical and methodological contributions to images as historical documents.

**KEYWORDS:** Teaching History; Second World War; Photographs.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; Mestranda em História, na linha de pesquisa Ensino de História e saberes históricos na Universidade Federal da Paraíba, PPGH – UFPB; Bolsista FapesQ – PB; Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3771852667400806>

## **Ensino de História e a abordagem sobre as mulheres**

Diferentes paradigmas permeiam a nossa existência, alguns deles podem ser alterados com o passar do tempo, a exemplo dos que se relacionam ao ensino de história e à produção historiográfica, tendo em vista que o tempo é mutável. De acordo com Maria Auxiliadora Schmidt (2014), desde o século XIX, o Brasil já acompanhava a necessidade de uma reforma educacional. Em complemento a isso, para Murilo Mendes, o processo de ensino passou a:

Estar em função dos complexos problemas sociais que somos chamados a resolver e que exigem das novas gerações a apreciação de um mundo mais inteligível, em que possam mais eficazmente cooperar para a melhoria da vida coletiva, na tendência universal e irreprimível da nova educação, a que o Brasil não poderá se esquivar. (Mendes, 1935, p. 15)

Esse mundo mais inteligível se refere ao novo olhar que pode ser construído no aluno através da aplicação de metodologias que contribuem para a ampliação do conhecimento histórico e envolve fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. De acordo com Elza Nadai (1992), o ensino de História passou a se preocupar menos com as grandes narrativas históricas, ocorrendo assim uma maior visibilidade para a realidade social dos alunos e professores e a compreensão destes enquanto sujeitos históricos e o uso de diversos documentos em sala de aula. Essas discussões, segundo Schmidt (2014), começaram a se estabelecer de maneira mais formal com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), considerando o contexto em que essas ideias foram postuladas, ou seja, no período pós-ditadura militar brasileira, para entendermos a relevância desses debates para a educação escolar e:

[...] tomar como perspectiva a ideia da construção social da aprendizagem e, portanto, do ensino de História, a partir das experiências dos sujeitos, no próprio movimento histórico de amplo alcance, mas com suas peculiaridades e particularidades locais. Cada uma das experiências pode ser demonstrativa das diferentes lutas sociais. Estas constituem a trama real em que se realiza a educação e, portanto, a educação histórica. (Schmidt, 2014, p. 31)

## **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Desse modo, considerando as influências sociais que propiciaram novas possibilidades e perspectivas para a educação ao longo do tempo, o presente trabalho irá tratar sobre o ensino de História e como atribuir mais espaço ao público feminino nele, mais precisamente dentro do assunto da Segunda Guerra Mundial. A princípio, a abordagem será voltada para uma contextualização acerca do ensino de História e o seu funcionamento na conjuntura escolar, considerando o papel docente e discente na construção do conhecimento histórico, tendo em vista que ambos se complementam e contribuem para esta ação. Nesse âmbito, será importante também discutir sobre o livro didático e como as mulheres aparecem ou não nele.

Se deixarmos as pesquisas sobre o papel das mulheres apenas no meio acadêmico, ainda estamos restringindo o espaço feminino. Por isso, é importante proporcionar a inserção dessa parte da história também no âmbito educacional. Em setembro de 2024, para reforçar essa necessidade de maneira legal e mais bem fundamentada, foi publicado no Diário Oficial da União a Lei nº 14.986, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB):

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País. (Brasil, 2024, p. 3)

Conhecer a história a partir das ações femininas, por exemplo, contribui para a construção de novos aprendizados no âmbito educacional, isso porque, a construção da consciência histórica no ensino de História exige conteúdos que permitam o desenvolvimento de uma argumentação histórica crítica, na medida em que se busca a mobilização, não de todo o passado, mas de experiências específicas dele (Schmidt, 2014, p. 37). Para Hartog (2013), os conceitos de passado, presente e futuro expressam a relação que se estabelece entre mudanças e a experiência vivida por indivíduos ou grupos. Portanto, é preciso fazer o discente perceber que o que é

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

considerado "presente", ou seja, seu atual contexto, é apenas uma parte de um fluxo contínuo de experiências ao longo do tempo e que os dois períodos estão conectados.

O ensino de História deve ter como objetivo ensinar a sensação de que aquele determinado tema da historiografia mais geral e mais distante da nossa realidade, apesar disso, diz respeito a nós, mesmo inseridos em situações mais restritas e específicas, ou seja, mostrar que não é fora da realidade do aluno e nem tão distante dela, enfatizando que os elementos do passado ajudaram e ainda ajudam a moldar o presente. Esses aspectos se relacionam ao que Hartog chama de regime de historicidade, o qual, segundo ele, explora como diferentes sociedades percebem e organizam o tempo histórico, e como essas percepções influenciam a narrativa histórica. Além disso, deve “permitir o desdobramento de um questionamento sobre nossas relações com o tempo” (Hartog, 2013, p. 37). É com essas atitudes que o educando conseguirá encontrar sentido e importância em adquirir conhecimento histórico.

Desse modo, podemos enriquecer o aprendizado e desenvolver cada vez mais o senso crítico do aluno(a) de maneira positiva e útil, que possa estimulá-lo a construir suas próprias opiniões, a buscar novos conhecimentos sempre que se deparar com algo que o inquiete, em prol de contribuir para o seu desenvolvimento pessoal enquanto um indivíduo que vive em uma sociedade diversificada, isso porque, como menciona Ana Maria Monteiro (2007), o ensino de história pode ser considerado um “lugar de fronteira”, ou seja, lugar de marcação de diferenças, mas que também permite o encontro, as trocas e os diálogos. Nesse sentido, de acordo com Rüsen (2001, p. 65), a preocupação é perceber “como dos feitos se faz a história”. Portanto, como ir além do que está fixado enquanto conhecimento e criar ramificações através dessa situação.

Tudo isso contribui, atualmente, para a construção da consciência histórica, a qual, segundo Rüsen (1994), pode ser considerada uma área que proporciona uma análise mais profunda acerca de diversos assuntos, que visa compreender a produção

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

e os usos da história no âmbito público da sociedade atual, ou seja, que se transforma em conhecimento histórico por meio de elementos como cinema, literatura, fotografias, os documentos históricos (como os jornais), etc, que compõem um prisma cultural. Nesse sentido, para compreendermos o que o autor denomina como cultura histórica, é necessário entender a “constituição do pensamento histórico na vida prática” (Rüsen, 2001, p. 53).

Desse modo, no momento em que os aprendizes reconhecem em si mesmos a sensibilidade em torno da sua própria história, também se tornam capazes de adquirir um olhar sensível para os fatos históricos e para os elementos sociais que os rodeiam, o qual vai sendo cultivado ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Isso porque, de acordo com Nicole Lautier, “quando os alunos encontram o texto da história, eles o interpretam com a ajuda do seu mundo, de teorias disponíveis, verdadeiras sociologias e psicologias espontâneas” (Lautier, 2011, p. 46).

Diante do que foi exposto até aqui, vemos que um ensino de história crítico, que valoriza os sujeitos menos conhecidos, a exemplo das mulheres que participaram da Segunda Guerra Mundial, com base em elementos que instigam o conhecimento, é fundamental para promover uma visão mais abrangente e inclusiva do passado, isso porque, segundo Hartog (2013), existe uma relação entre passado e presente que é complexa e interconectada, refletindo uma dinâmica que vai além de uma simples sucessão temporal, ou seja, não são apenas momentos distintos, mas estão interligados pelas diversas experiências humanas, seja de indivíduos isolados, que se transformam em coletivo, ou ainda de grupos já estabelecidos.

### **As “mulheres dos escombros”: fotografias para a sala de aula**

A BNCC (2018) menciona a escolha dos documentos e das fontes para as aulas de história como um dos procedimentos essenciais, ou seja, evidencia uma das possibilidades metodológicas para o trabalho com a história e que depende do

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

professor no momento de planejar o roteiro que pretende ser seguido em sala. Destarte, é pertinente mencionar o uso de fotografias.

Com o uso de fotografias nas aulas, torna-se possível que os alunos construam análises das imagens que forem escolhidas, de acordo com as possibilidades que serão apresentadas, com base nos pressupostos dos autores da área. Desde a versão da BNCC de 2017, já podemos perceber apontamentos nesse sentido, quando nos apresentou, a respeito da proposição estabelecida para o componente de História, que é possível o aluno(a) assumir uma “atitude historiadora, combater a história única” (Ralejo *et. al*, 2021, p. 15). Esse conceito estrutura o papel docente e discente, em torno do processo de ensino e aprendizagem por meio da utilização de diferentes fontes, de modo que mesmo sem a formação em História, o educando possa agir como um pesquisador, questionando-as e construindo opiniões com base na criticidade.

Para Mauad (2008), o primeiro passo é desnaturalizar as imagens e os elementos que elas nos mostram em relação ao que representa, isto é, o objeto concreto, pois ela é bidimensional, plana, ou seja, contém formas que não fazem parte da realidade, além de cores que às vezes não correspondem com o mundo fotografado, a exemplo das capturas em preto e branco. Devemos, então, compreender os elementos que compõem a técnica do ato fotográfico, os quais transformam o registro em algo que confirma a existência de uma determinada realidade. Ademais, um outro caminho, segundo Bittencourt (2004), é entender que o fotógrafo pode manipular os registros através da escolha dos espaços, das pessoas e dos ângulos a serem capturados, para que as imagens atendam a determinados requisitos e demandas do contexto em que foram produzidas.

A proposta para este tópico, é analisar fotografias das chamadas, "mulheres dos escombros", um grupo feminino que entrou em ação depois da Segunda Guerra Mundial, mas que se ligam diretamente ao conflito, pois arcaram com as consequências dele. De acordo com Leonie Treber (2005), elas acabaram se tornando símbolos na memória coletiva dos alemães, a ponto de existirem estátuas

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade



em sua homenagem em algumas partes do país, por terem desempenhado um papel crucial na reconstrução das cidades alemãs e outras regiões devastadas pela guerra, mesmo que de maneira forçada.

Além disso, muitas delas já haviam perdido maridos ou filhos na guerra e por isso ajudavam a limpar os destroços, remover ruínas e reconstruir infraestruturas básicas após os bombardeios aliados, tendo em vista que a população masculina diminuiu consideravelmente. Segundo Treber (2005), em Berlim, elas foram atraídas para o trabalho de remoção de entulhos com a oferta de receber vale-refeição, e para recrutar cada vez mais voluntárias para a tarefa, a imagem feminina que recolhe alegremente os escombros foi espalhada insistentemente para a população através dos meios de comunicação da época.

**Figura 1** - Civis em ação no pós-guerra, trabalhando para reerguer a Alemanha destruída.



**Fonte:** Getty Images. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/editorial-images>.

A figura 1 apresenta a dimensão expressiva da captura instantânea, como aponta Smit (1996), ou seja, que não foi planejada, daí seu estilo direto e natural típico da fotografia jornalística da época, cuja intenção era informar e documentar os acontecimentos. Ela tem a marcação da **Getty Images**, um banco de imagens fundado em Londres, Inglaterra, mas com base em Seattle, Estados Unidos. O

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

registro mostra uma cena de devastação urbana em território alemão, capturando o esforço coletivo de reconstrução, onde civis, inclusive mulheres, desempenham um papel crucial na limpeza e na restauração das áreas urbanas.

Existe uma grande quantidade de pessoas na figura 1 e vemos que boa parte dos sujeitos presentes nela pode não ser do gênero feminino, mas que por algumas mulheres estarem mais visíveis e com maior destaque do que outras pessoas, é comum sermos induzidos a criar uma ilusão de ótica construída pelo rápido olhar que não busca nos detalhes determinadas informações e se atém somente ao conteúdo mais geral, ou seja, as mulheres dos escombros.

Seguindo esse raciocínio, é válido considerarmos o que a historiadora Leonie Treber aponta sobre a participação feminina nas ações em prol da reconstrução do território alemão após a guerra. Ela afirma que não houve um grande número de mulheres que ajudaram a reconstruir as cidades: “claro que havia mulheres fortes que ajudaram a remover os escombros depois da guerra, mas elas claramente foram uma minoria” (Treber, 2005, p. 54). Além disso, as tarefas também não foram feitas voluntariamente, mas por necessidades pessoais de sobrevivência, mesmo sendo mal remuneradas.

Segundo Kossoy (2001), toda fotografia contém um caráter estético que pode ser percebida por meio de elementos como as cores, qualidade da imagem, elementos do cenário, características das pessoas que estão na imagem, entre outros. Nesse sentido, em relação à figura 1, conseguimos perceber a devastação dos edifícios ao fundo e as pilhas de entulho no centro do registro, que ilustram o cenário de destruição generalizada causado pelos bombardeios durante a guerra, e as pessoas que parecem estar ocupadas, em ação e movimento, algumas removendo tijolos e destroços, o que simboliza o esforço físico necessário para a recuperação. Além disso, a fotografia utiliza bem a profundidade de campo, com diferentes planos de indivíduos e escombros, o que cria uma sensação de vastidão e aumenta a percepção da destruição ao fundo, que coloca em evidência a gravidade dos danos causados pelos bombardeios e a enormidade da tarefa de reconstrução.

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade



**Figura 2** - Civis em ação no pós-guerra, trabalhando para reerguer a Alemanha destruída.



**Fonte:** Getty Images. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/editorial-images>.

A figura 2 se encontra no acervo digital da *Deutsche Fotothek*, uma biblioteca de imagens em Dresden, Alemanha, localizada na Biblioteca Estadual da Saxônia. Ela retrata um cenário de ruínas, com edifícios danificados ou parcialmente destruídos ao fundo e o foco da imagem nas pessoas. O diferencial desse registro, é que vemos nitidamente indivíduos de faixas-etárias e sexos distintos, ou seja, um homem idoso e as outras pessoas são do sexo feminino, sendo duas delas mais velhas e as outras mais novas, aparentemente no início da fase adulta ou ainda na juventude. Todos estão ajudando na tarefa de remover escombros, o que destaca a participação de pessoas de várias idades na reconstrução pós-guerra.

As mulheres presentes na imagem estavam em meio a um trabalho árduo, mas ainda assim pararam por um momento para a captura da fotografia. As posturas foram previamente pensadas para o momento, que pode ser considerado um diferencial em relação à figura 1, que foi registrada de maneira instantânea e espontânea. Nesse sentido, com base em Smit (1996), a dimensão expressiva da imagem é a pose, com fisionomia corporal intencional e instintiva, já que o ato de

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

pousar é natural do ser humano, quando este se depara com a oportunidade de aparecer em uma foto.

**Figura 3** - Mulheres dos escombros em ação no período pós-guerra.



**Fonte:** Arquivos Federais Alemães.

A figura 3 mostra duas mulheres, em um estilo espontâneo, ou seja, não apresenta a técnica da dimensão expressiva ou tempo de exposição da pose, mas sim do instantâneo, quando o registro é feito sem uma preparação dos sujeitos que nele aparecem (Smit, 1996), trabalhando próximas a um carrinho de mina ou vagão de transporte, usado para remover escombros e entulhos de áreas destruídas após os bombardeios da Segunda Guerra Mundial, na Alemanha. O fundo da imagem está cheio de pilhas de tijolos e escombros, reforçando a devastação das áreas urbanas e o cenário caótico pós-bombardeios. Ao fundo, outras pessoas também parecem envolvidas na mesma tarefa de limpeza e reconstrução.

Pelo tamanho da pedra, podemos imaginar que era um material pesado, o que demonstra mais um fator de dificuldade do trabalho braçal exigido. As mulheres aparecem em destaque na figura 3, estão carregando o tijolo e se preparando para colocar o material no vagão de trilho, que era um equipamento típico, bastante usado para carregar e transportar detritos em locais de destruição. Além disso, o

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

meio de transporte possui inscrições que precisam ser consideradas, como a frase em alemão "*Was man aus Liebe tut*" (o que se faz por amor), que pode ser uma inscrição humorística ou motivacional gravada para refletir o espírito de resiliência ou resistência durante o trabalho, bem como para reforçar e sustentar o mito de que o trabalho feminino era executado somente por amor à nação.

Considerando que o vagão de trilho presente na imagem era um meio de transporte bastante utilizado naquele contexto, podemos refletir sobre como o uso dessa ferramenta dificultava ainda mais o trabalho feminino, mas além disso, serviu como motivo para Treber (2005) afirmar que as mulheres dos escombros não representaram uma grande parte do serviço coletivo em prol da reconstrução do território alemão. A autora destaca que os destroços foram removidos principalmente por empresas especializadas, com equipamento específico e diz que se o toda a mão-de-obra tivesse sido realizada por mulheres com pás, baldes e os vagões, elas estariam recolhendo os escombros até hoje. Contudo, as empresas não dispensaram o apoio da população, que foi, sim, muito necessário, pois cerca de 400 milhões de metros cúbicos de escombros tinham de ser removidos no país, de acordo com Treber (2005).

### **Considerações finais**

Ao longo deste trabalho, foi possível evidenciar a relevância do uso de fotografias de mulheres da Segunda Guerra Mundial como recurso para o ensino de História. A análise e a interpretação dessas imagens oferecem uma oportunidade única de abordar o papel das mulheres de forma mais ampla, contribuindo para uma compreensão mais inclusiva e diversificada da narrativa histórica, isso porque as imagens não são apenas representações visuais, mas também fontes históricas que carregam significados implícitos sobre essas personagens, quase sempre invisibilizadas nos relatos tradicionais da guerra. Ademais, revelam as intenções dos

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

fotógrafos, de representar o esforço coletivo, a força de vontade e a colaboração das pessoas em prol da nação alemã.

Também foi possível traçar paralelos e diálogos entre ensino de História e o uso das imagens, evidenciando as interpretações históricas que podem ser construídas por elas, levantando as possibilidades e desafios do trabalho com as fotografias em sala de aula o com suas respectivas metodologias de análises que são exigidas ao pesquisador e posteriormente ao aluno, tendo em vista que para cada fonte o olhar necessita ser diferente, para problematizar os elementos característicos de cada uma, principalmente porque puderam ser percebidas as diferentes situações que elas representam.

Todos os materiais funcionaram como ferramentas para mediar a compreensão do momento histórico estudado e para conhecer determinados aspectos antes desconhecidos, tendo em vista que o conhecimento acerca do cotidiano feminino na segunda guerra mundial, ainda pode ser considerado vago, pois pouco se fala sobre o assunto de maneira aprofundada no meio historiográfico e sobretudo educacional. Porventura, é válido pontuar que as fotografias podem se mostrar atraentes para a construção do aprendizado, por serem possibilitadores de inúmeras informações e por dialogarem de maneira direta com o cotidiano dos alunos, que se veem frequentemente em contato com imagens.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

DEUTSCHE FOTOTHEK. **Archive of photographers**. Disponível em <https://www.deutschefotothek.de/>. Acesso em 05 de agosto de 2024.

GETTYIMAGENS. **Pesquisa fotos editoriais**. Disponível em <https://www.gettyimages.com.br/editorial-images>. Acesso em 05 de agosto de 2024.

### ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

## **Bibliografia**

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 2024.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAUTIER, Nicole. **Os Saberes Históricos em Situação Escolar: circulação, transformação e adaptação**. Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 39-58, jan./abr., 2011.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. EdUFF, 2008.

MENDES, Murillo. **A história no curso secundário**. São Paulo: Graphica Paulista, 1935.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Ensino de História: lugar de fronteira**. In: ARIAS NETO, José Miguel (org.). **História: guerra e paz**. XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH: Finep, 2007.

NADAI, Elza. **O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva**. In: Revista Brasileira de História. v. 13, n° 25/26, p-. São Paulo, set-92/ago-93.

RALEJO, Adriana Soares; *et.al.* **BNCC e Ensino de História: horizontes possíveis**. Educar em Revista, Curitiba, v. 37, e77056, 2021.

RÜSEN, Jörn. **Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia**. Tradução: F. Sánchez Costa e Ib Schumacher, 1994.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UnB, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **Cultura histórica e aprendizagem histórica**. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 6, n. 10, jan./jun. 2014.

## **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

SMIT, Johanna W. **A representação da imagem.** Informare, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 176 p. 28-36, jul./dez. 1996.

TREBER, Leonie. **O mito das mulheres dos escombros.** 1ª ed. Berlim: Klartext, 2005.

**ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade